



Coluna Mensal: As Relações Internacionais

Sendo filha de expatriados, você aprende desde cedo que a impermanência é uma constante. Seu mundo pode mudar com uma troca de país ou com uma simples conversa com seu colega na sala de aula. Como alguém que cresce em uma comunidade internacional, você tem amigos que também são expatriados e amizades muito particulares, onde a distância e o tempo não importam mais do que o que foi vivido e sonhado junto. Como alguém que fala duas ou mais línguas todos os dias, você tem muitos amigos com mãe e pai de culturas diferentes: a cultura da mãe é diferente da do pai, que é diferente da do irmão, dos primos e assim por diante. Isso é normal para você.



A chamada comunidade internacional permite que você faça parte de uma cultura muito individual e que se adapte a todas as outras com certa facilidade. Isso, como tudo na vida, depende muito de você mesmo. Seja longe de casa ou numa bolha internacional, você tem orgulho do seu próprio país e troca figurinhas com os colegas de outros lugares, mas aprende desde cedo que não é nada definido, como no meu caso: não era nem a típica garota

carioca, nem uma inglesa tradicional. Seu sotaque nas línguas que fala é só seu, e apesar de você saber quem matou Odete Roitman, você também toma chá com leite, sem açúcar, algumas vezes por dia.

Quando eu tinha 15 anos, perguntei para uma nova amiga do colégio de onde ela era, já que ela falava alemão com a mãe que é alemã, inglês com o pai que é árabe e francês com a irmã que é canadense. Ela respondeu que se considerava canadense, apesar de ter nascido na Inglaterra. Outra amiga nossa era filha de um irlandês com uma brasileira, criada na Itália e agora residindo em Londres, onde felizmente nos conhecemos e nos tornamos

amigas. Eu não tinha tanta graça assim, era brasileira, filha de brasileiros, vivendo pela segunda vez em Londres. Devido ao tempo em colégios americanos no Brasil, meu sotaque já tinha mudado do british para o american, o que gera uma divertida confusão até hoje.

Nesta época, eu já estava apaixonada pelo meu melhor amigo italiano, que de italiano tinha muito pouco, já que havia sido criado lá mesmo, em Londres. Mas acabei por namorar um americano e o italiano namorou minha melhor amiga espanhola. Assim, fomos criando o nosso grupinho, com russos, israelenses, indianos, japoneses, suecos, espanhóis, colombianos e uma lista que me deu até preguiça de continuar a escrever aqui. Mas isso já é passado, o que se mantém presente é a vontade e habilidade de interagir internacionalmente, seja nas amizades, nos amores ou até profissionalmente. É algo que talvez seja bastante relevante hoje, em um mundo globalizando, onde as nossas diferenças estão tão exacerbadas e nós, tão pouco tolerantes. Podemos aprender muito uns com os outros.

Não vou dizer que as relações internacionais são fáceis, mas são cada vez mais comuns. Agora mesmo, estou sentada em um café em Ipanema escrevendo ao som de um chorinho, enquanto observo na mesa ao lado um senhor se esforçar para aprender francês com seu professor. Na mesa de trás, um homem fala de negócios em inglês com uma mulher que o responde em português. O professor de francês fala para seu aluno de seu apreço por Tom Jobim e revela que também é compositor. Ele, inclusive, escreve músicas em mandarim. Me sinto em casa.

Isso prova como essas interações são cada vez mais inevitáveis. E, se bem aproveitadas, especialmente ricas. Todo Mundo que já viajou um pouco sabe como é bom conhecer alguém local. Todo Mundo que já se envolveu com pessoas de outros lugares sabe as delícias e dificuldades de manter uma amizade ou um amor internacional. As barreiras não estão somente nas fronteiras, mas as vezes dentro de nós. Aceitar e estar de acordo com as diferenças culturais pode ser um desafio.

Quando você situa duas pessoas em um mesmo espaço e tempo, a fim de se envolver, essas diferenças se somam e criam um novo resultado. Mesmo com todos esses supostos impedimentos, a troca acontece. Nesta coluna, pretendo contar um pouco sobre esses encontros e essa forma de se relacionar. As histórias podem ser minhas, suas ou inspiradas no professor de francês da mesa ao lado... Voilà!